

La gente de Ansina

Resumo: Este estudo antropológico trata da cultura do candombe a partir de uma pesquisa desenvolvida na cidade de Montevideo, Uruguay, no ano de 2000. Através de uma construção narrativa tecida com imagens visuais, apresento la gente de Ansina e sua intensa dinâmica performática e interacional: no carnaval como a Comparsa de Negros y Lubolos Sinfonía de Ansina, durante o ano através das salidas de los Tambores e, cotidianamente ‘lá embaixo’, na casa de Gustavo, espaço que abriga esta rede de pertencimento. Através do instrumento teórico que é a performance, busco capturar, no cotidiano que reinventa permanentemente este ethos candombero — em que o riso estetiza seu estar no mundo –, as pistas para compreender o sentido das ações destes sujeitos tensionados pelos dilemas entre a recriação da tradição e as demandas da modernidade do carnaval uruguaio.

Abstract: This dissertation investigates the culture of candombe based on an ethnographic research conducted in Montevideo, Uruguay in 2000. The narrative is developed with both images and ethnography. It presents la gente de Ansina in their intense and performative dynamic: during carnival, with the Comparsa de Negros y Lubolos Sinfonia de Ansina, in the course of the year with the salidas de Tambores and, in their daily life, “down there” at Gustavo’s house, the space which shelters this social network. Using the conceptual tools of Performance theory, I intend to capture within this ethos candombero—in which laughing stamps their aesthetic presence in the world— vestiges for understanding the dilemmas and tensions between the reinvention of tradition and the demands for modernity in Uruguayan carnival.

1- Doutora em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 - Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (2007). Professor Associado da Universidade Federal de Santa Catarina.



O carnaval de matriz cultural africana realizado pelas *Comparsas de Negros e Lubolos*, é uma das formas — entre as várias que o uruguaio tem — de celebrar o carnaval. [...] O carnaval das comparsas envolve uma performance específica, um modo de festejar que está ancorado no ritmo percussivo dos tambores de candombe e na sua execução cênica.

Tratar de carnaval afro-uruguaio é falar de comparsas, as agremiações que realizam este carnaval, e de *candombe*, uma categoria que expressa o ritmo musical dos tambores executado pelas comparsas, mas também toda a performance cênica que executam, dizendo respeito, então, não só à música como também à dança e ao canto. O candombe, mais que isso, está historicamente identificado com a cultura negra no Uruguai, é o ritmo dos chamados “tambores afro-uruguaios”, já encontrados nas primeiras “danças de negros” da Montevideo colonial, nas “Nações” e suas celebrações dos *candombes de Reis do século XIX*, nas *Sociedades de Negros*, nas “saídas de tambores” do século XX, para, finalmente, serem encontrados nas comparsas que participam das competições carnavalescas contemporâneas.

As comparsas, portanto, são apenas uma das formas visíveis pelas quais se expressa a tradição dos *Tambores de Candombe* afro-uruguaio. Os Tambores são orquestras percussivas, “cordas de tambores”, que percorrem determinadas ruas de Montevideo em datas especiais, em pequenos ou grandes grupos. São desfiles, *salidas de tambores*, sem canto, restringindo-se a execução da percussão do candombe no soar forte dos tambores e dança dos que os acompanham.

Este objeto de estudo — o carnaval afro-uruguaio das *Comparsas de Negros y Lubolos* — desdobra-se ao ser capturado na experiência etnográfica. Para mapear e investigar os diferentes significados atribuídos ao carnaval das comparsas no Uruguai, somos estimulados a subverter o tempo ordenado do calendário carnavalesco, para um outro tempo de experiências — extra-carnavalesco — que estetiza um campo performático peculiar, as “saídas de tambores”, ou simplesmente “os Tambores”, uma tradição cultural secular que até hoje se expressa, nas ruas de Montevideo.

[...]

Esta é uma prática cultural que ultrapassa o período de carnaval propriamente dito, no tempo e no espaço e, para capturá-lo, torna-se apropriado buscá-lo na sua dimensão histórica, que funda a inserção dos negros no carnaval, e cotidiana, nos micro-eventos interacionais.

Através das performances cotidianas (*en la casa*) e rituais (*carnavalescas ou as salidas de tambor*) — busco perceber como o grupo pensa, organiza e representa sua vida so-

cial, afetiva e estética, como articulam seus valores nas ações cotidianas e rituais, no domínio dos sujeitos e de suas relações sociais. Trata-se de captar nessa tecitura social, as representações dos participantes acerca das transformações da festa carnavalesca, hoje elevada a símbolo nacional; os novos significados e valores, as novas práticas e experiências sociais criadas por esta festividade. Percebidas na sua dinâmica, as trajetórias das comparsas estão contidas nas histórias de vida dos sujeitos envolvidos, nos bairros da cidade, nos territórios que acolheram os Tambores. A análise das performances das comparsas permite o estudo da memória de grupos que resignificam, no presente, as imagens da festa no passado. A polissemia do evento carnavalesco leva à investigação dos diferentes significados desta festa para seus participantes que mobilizam recursos narrativos, estilísticos e performáticos para dar conta desta manifestação cultural. O foco empírico da análise recai, portanto, tanto sobre o cotidiano quanto nas performances carnavalescas realizadas por uma *Comparsa de Negros e Lubolos: a comparsa Sinfonía de Ansina* [...] Em sua quase totalidade, quem participa da comparsa, participa dos Tambores, tocando, dançando ou mesmo assistindo e, é no universo deste grupo, que ora se denominava *Sinfonía de Ansina* e ora se conformava como *Tambores de Ansina* que me inserí para etnografar o carnaval afrouruguaio a partir de 1998.

Sinfonía de Ansina realizou seus ensaios, para o carnaval de 2000, no meio da rua, em frente à casa do “dono” da comparsa. Da frente desta casa também “saem” os Tambores de Ansina em desfile pelo bairro Palermo. A casa, portanto, foi o local que centralizou as observações etnográficas no tempo cotidiano e ritual; o centro de referência para o grupo e igualmente para o pesquisador. A casa é referida como estando *allá abajo*; o “lá em baixo” envolvendo a casa e a quadra da rua onde está situada, local que reúne as pessoas envolvidas na comparsa e nos Tambores. Quem estava ali, neste tempo ordinário, eram os negros de *allá abajo*.

Quando iniciei a pesquisa em 1998, acreditava estar observando uma comparsa, seus ensaios na casa e suas apresentações de carnaval. Num segundo momento me vi frente a este grupo demarcado como Tambores de Ansina e, no decorrer do ano, encontrei-os como os “negros lá de baixo”. Eis que se me desvelava um universo de pesquisa e suas muitas faces.

Foi necessário um longo percurso para compreender que o universo desta pesquisa que, até então, eu percebia através de suas três faces — comparsa, Tambores e *allá abajo* –, poderia ser compreendido sob uma única denominação: *la gente de Ansina, los de Ansina*. Estes eram meus interlocutores: “Os de Ansina”. Durante o período carnavalesco participavam das competições oficiais com a comparsa Sinfonía de Ansina; para além do carnaval, estavam nas ruas do seu bairro, “fazendo” candombe com os Tambores de Ansina e, num tempo corriqueiro, diário, estavam na casa, tomando vinho na calçada de uma rua montevideana e partilhando momentos de sociabilidade cotidiana.



Fotografias de Liliâne Guterres e Rafael Devos.

Ilustrações de Ruben D. GALLOZA, Impressas nos “postales del candombe”, Uruguay, sem data.

In memoriam de Pablo e Gustavo Oviedo: grandes, únicos e queridos tambores de Ansina, por eles passa o candombe uruguaio. Viva Ansina!















